

PROLEGÔMENOS PARA UMA PRÁTICA EDUCATIVA EXISTENCIALISTA

Prolégomènes à une pratique éducative existentialiste

*Abdeljalil Akkari **

*Peri Mesquida ***

*Regina Berbetz Valença ****

Resumo

Pistas para uma introdução sobre a reflexão de como seria uma prática educativa fundada nos princípios filosóficos do existencialismo, a partir de Nietzsche, Heidegger, Merleau-Ponty, Gabriel Marcel e Jean-Paul Sartre, procurando construir o que chamamos de “teses” existencialistas. A partir daí, trabalhamos a relação dessas teses com a prática pedagógica, concluindo com uma abordagem sobre a influência do existencialismo sobre o pensamento e a proposta pedagógica de Paulo Freire.

Palavras-chave: Existencialismo, Educação, Prática educativa.

Résumé

Nous cherchons dans ce texte d'introduire une réflexion sur une éventuelle pratique éducative fondée sur les principes philosophiques de l'existentialisme, à partir de la pensée de Nietzsche, Heidegger, Merleau-Ponty, Gabriel Marcel et Jean-Paul Sartre. Nous essayons de construire ce que nous appelons de “thèses” existentialistes. À partir de ces thèses, nous travaillons leur rapport avec la pratique pédagogique. Finalement, nous essayons une réflexion sur l'influence de l'existentialisme sur la pensée et la pratique éducative de Paulo Freire.

Mots-clés: Existentialisme, Éducation, Pratique éducative.

* Université de Fribourg. E-mail: abdeljabil.akkari@unifr.ch

** Professor do Curso de Pedagogia e Pesquisador do Mestrado em Educação da PUCPR.

Rua: Manoel Eufrásio, n.º 403 apº 42, Juvevê, Curitiba – PR, CEP 80030-440.

E-mail: peri@rla01.pucpr.br

*** E-mail: reginabr@terra.com.br

Introdução

Podemos detectar duas fontes remotas do pensamento existencialista. Uma, atéia, outra teísta. De acordo com Martin Heidegger (*Ser e Tempo*), a fonte atéia do existencialismo pode ser encontrada no filólogo, filósofo, poeta e pensador alemão do final do século dezenove, Friederich Nietzsche (1844-1900), para quem “religiões são coisas plebéias” e “mortos estão todos os deuses, agora queremos que o super-homem viva” (Nietzsche, s/d, p. 93); enquanto o veio teísta ou cristão se origina em Sören A. Kierkegaard (1813-1855), pastor protestante dinamarquês, que afirma: “Cristo...foi o que Ele é, a Verdade que se relaciona com o indivíduo” (Kierkegaard, 1962).

Destes dois troncos se desenvolverão inúmeros “galhos”, que, se terão muito em comum, terão, também, discordâncias fundamentais. Entre os representantes modernos do existencialismo ateu podemos encontrar M. Heidegger, K. Jaspers, Maurice Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre. Na galeria dos mais conhecidos existencialistas judeu-cristãos, situam-se P. Tillich, K. Barth, M. Buber e Gabriel Marcel. Todos desenvolveram suas idéias em torno da reflexão sobre a existência: eu e tu, ser-com, liberdade, paixão, angústia, alternativa, o homem como ser-no-mundo (contingência). Sua preocupação maior foi com o homem e seu destino.

Teses existencialistas fundamentais

Não é fácil “reduzir” o existencialismo enquanto corrente de pensamento a “teses”. Procuraremos, de início, buscar nos diversos filósofos, que representam esta corrente, elementos que, de certa maneira, lhes são comuns, para, então, a partir daí, “construir” as teses fundamentais.

- A vida é **existência** e, enquanto tal, contingente, frágil, conforme Heidegger, (1972) e permeada pela angústia que causa náusea, repugnância (SARTRE, 1986).
- *Existência* é uma maneira de ser própria do ser humano. Assim, o homem é o único ser que existe, pois a sua essência é existência: ser-ai-para-si-no mundo (DASEIN).
- Daí, resulta o fato de que o homem é um ser em constante autocriação, ele é um pro-jeto, em constante devir, sempre incabado (MARCEL, 1944).
- No entanto, esse processo de autocriação só é possível na vida em liberdade: o homem não é livre – ele é a sua liberdade.
- Se, por um lado, o existencialismo dá ênfase à experiência pessoal, por outro lado, ele põe em evidência a comunhão do homem com o

mundo, particularmente com os outros homens, com o “tu” segundo Buber (1974): é a co-existência, *mitdasein*, de Heidegger, a comunicação (JASPERS, 1946).

Deste tronco comum que poderia ser ampliado, decorrem, naturalmente, as seguintes subteses:

- a) O homem, enquanto ser-no-mundo, é o ponto de partida e de chegada de toda reflexão existencialista. A abordagem existencialista segue o caminho que leva da existência para a essência: antes de ser, existo.
- b) O homem faz o que vier a ser (SARTRE, 1986). É na intensidade do existir que a realidade se revela. Isso pode ser ao mesmo tempo aterrador e desafiador, pois exige de toda prática e reflexão humanas um mergulho apaixonado.
- c) O homem é responsável de ser o que é e o que será, no uso pleno da liberdade. Afinal, sou o que faço. O meu destino é somente meu (escolha individual).
- d) A liberdade é liberdade de escolha. Quando escolho, projeto-me no futuro, dou existência àquilo que era só possibilidade. O homem é “*homo viator*”, eternamente em trânsito.
- e) O momento maior da liberdade: o encontro do “eu” com o “tu”: o diálogo que, para Buber, é uma “inclusão” e para Marcel, a “presença”.
- f) O meu corpo é a minha expressão para o mundo (MERLEAU-PONTY, 2000).

Existencialismo e educação

Das “teses” do pensamento existencialista, consideradas fundamentais, decorrem não poucas implicações para a reflexão e a prática pedagógicas que têm exercido importante influência na educação brasileira.

- O aluno é o centro da ação pedagógica. Enquanto na prática pedagógica, fundada no tomismo-aristotélico, o centro da ação é o professor, naquela alicerçada sobre o existencialismo, o centro passa a ser o estudante.
- Respeito pela individualidade do estudante. Cada estudante é um microcosmo, um ser único. Portanto, isso deve ser levado em consideração na atuação do professor.

- O conhecimento não pode ser transmitido, mas é decorrente de uma relação dialógica estabelecida entre seres que conservam sua individualidade.
- O aprender é visto como uma inserção apaixonada no objeto de estudo, como um mergulho na realidade com a finalidade de decodificá-la.
- Os conteúdos programáticos não podem ser “disciplinas”, pois são instrumentos de realização da pessoa – não é o estudante que se “sujeita” à matéria, mas a matéria que se sujeita a ele: acima do livro a pessoa.
- Não pode haver estudo dirigido. O estudante, no uso da liberdade, escolhe o que aprende e o que fazer, pois afinal, é ele quem decide sobre o seu próprio caminho.
- A manipulação é um crime. Para o educador existencialista o método pedagógico por excelência é a pedagogia do diálogo, mas levando-se em conta que a ação dialógica não elimina o conflito. Diálogo é questionamento.
- O diálogo fundado na honestidade, gera confiança. Esta é imprescindível para o crescimento intelectual.
- A história é a luta do homem para conquistar a sua liberdade.
- Não à imposição. Esta deve ser eliminada da prática pedagógica.
- O estudante não é um espectador do drama da aprendizagem, mas ator.
- A superficialidade do “se”. Quando falamos diz- “se”, falou-“se”, conta-“se”, etc., estamos nos esquivando da responsabilidade, buscando o refúgio da neutralidade.

De acordo com os defensores da filosofia da existência, somente as posições existencialistas e a prática pedagógica que delas decorre, permitem a formação de uma consciência capaz de levar o homem, enquanto ser-no-mundo, a compreender as suas relações com a natureza e com os outros homens.

Existencialismo e educação brasileira

Se Summerhill, ou liberdade sem medo (A.S. Neil) e as teorias de C. Rogers, aplicadas à educação (Liberdade para aprender), provocaram experiências inovadoras, mas limitadas, na prática pedagógica no Brasil, não há dúvida de que o momento mais rico da presença da filosofia da existência em movimentos educativos no país se concentra no que existe de existencialismo no pensamento e na teoria de Paulo Freire. É bem verdade que elementos da filosofia, da existên-

cia (vertente judaico-cristã), densos e abundantes, presentes na prática pedagógica e na obra de Freire, aparecem não só em estado “puro”, mas mesclados com a fenomenologia e com a dialética marxista.

Uma leitura, mesmo superficial, das principais obras de Paulo Freire, comprovará o que foi afirmado. Senão, vejamos:

Paulo Freire: Da pedagogia do oprimido à prática da liberdade – consciência e questionamento: Sintetizar criticamente a obra de Paulo Freire e encontrar as diversas influências absorvidas por ele é uma tarefa muito pretensiosa. Por isso, iremos somente levantar algumas pistas para uma futura interpretação (MESQUIDA, 2003).

O centro de toda a prática e de toda reflexão de Paulo Freire é o *homem*. Não o homem abstrato, transcendente, mas o homem concreto, localizado no tempo e no espaço – o homem oprimido, explorado, injustiçado, diuturnamente sacrificado, “desumanizado”, de Pernambuco, do Nordeste do Brasil, da América Latina e dos países colonizados da África e da Ásia. Este ser-no-mundo, cuja liberdade de pensar, de agir, decidir e de ser lhe é negada, é descaracterizado enquanto “ser” pela ação opressora e repressora dos que sabem somente conjugar o verbo “ter” (FREIRE, 1981). O homem destituído de liberdade é um “ser-menos”, incapaz de refletir coerentemente a sua situação porque não possui **consciência** de si nem da própria situação de opressão em que se encontra – é manipulado, hospeda em si a consciência do opressor (FREIRE, 1981). Lembremos que para Antonio Gramsci, o senso comum é constituído de diversos fragmentos, sendo um deles representado pela visão de mundo do opressor.

Como superar essa situação? Antes de mais nada, pela tomada de consciência da situação de opressão. Isso se realizaria por meio de uma “pedagogia humanista e libertadora” – a pedagogia que nasce do oprimido, sistematizada e ordenada de tal forma que o senso comum assuma o nível da crítica. Neste ponto, o oprimido já tem consciência da sua situação e daquilo que coopera para que ele se veja destituído de liberdade e de consciência própria (FREIRE, 1981, p. 44). Isso ocorre porque o homem é um pro-jeto e, como tal, capaz de captar a sua realidade, conhecê-la e transformá-la (FREIRE, 1981, p. 42). O “intelectual orgânico”, das classes subalternas sensível às condições em que se encontram os oprimidos, comprometido com eles, com a sua libertação, tem como tarefa convencê-los, desafiando-os a lutar pela liberdade (FREIRE; BETO, 1986, p. 75). Esta missão exige compromisso, comunhão e humanidade, pois os educandos não devem ser vistos como “depósitos (do saber), mas como investigadores críticos com o educador” (FREIRE, 1981, p. 80). Isso requer a prática do diálogo, fundado na confiança e na co-laboração (trabalhar, agir junto).

Dessa maneira, constrói-se uma pedagogia problematizadora, cognoscente e dialógico-questionadora (FREIRE; FAUNDEZ, 1985).

Utopia? Sim, mas utopia como “a unidade inquebrantável entre a denúncia e o anúncio. Denúncia de uma realidade desumanizante e anúncio de uma realidade em que os homens possam ser mais” (FREIRE, 1981).

Escreve Paulo Freire: “Cada vez mais nos convencíamos, ontem, e estamos convencidos, hoje, de que o homem brasileiro teria de ganhar sua responsabilidade político-social **existindo** essa responsabilidade. Participando.” (FREIRE, 1980, p. 92).

Esta pequena “rasante” sobre alguns livros de Paulo Freire pode nos mostrar que o pensamento existencialista está presente na teoria freiriana de educação, não de forma “pura”, mas mesclado, como dissemos acima, com idéias da fenomenologia e da dialética marxista. Por isso, é difícil “classificar” teoricamente este extraordinário educador brasileiro.

Referências

Kierkegaard, S.A. **Temor e tremor**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1962.

Heidegger, M. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

_____. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

Sartre, J.-P. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Marcel, G. **Homo viator: prolegomènes à une métaphisique de l'espérance**. Paris: A.Montaigne, 1944.

Merleau-Ponty, M. **O visível e o invisível**. São Paulo, SP.: Perspectiva, 2000.

Rogers, C. **Liberdade de aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1988.

Buber, M. **Eu e Tu**. São Paulo, SP.: Moraes, 1974.

Jaspers, K. **L'esistenzialismo**. Roma: Casa Editrice Parthenia, 1946.

Freire, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, RJ.: Paz e Terra, 1980.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1981.

Freire, P.; Faundez, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1985.

Freire, P.; Beto. **Essa escola chamada vida**. São Paulo, SP: Ática, 1986.

Recebido em 5/5/03
Aprovado em 15/7/03